

ARQUEOLOGIA

A Arqueologia é a disciplina que estuda os vestígios de actividades humanas passadas. Há milhares de arqueólogos no mundo, com interesses diversos e condições de trabalho variadas. Nos últimos cem anos os eruditos e curiosos que escavavam amadoristicamente nas traseiras das suas propriedades transformaram-se em profissionais especializados, que estudam aspectos cada vez mais particulares de uma determinada cultura e que usam tecnologias cada vez mais sofisticadas para atingir estes objectivos.

texto Luis Filipe Castro
fotos Luis Quinta



Arqueólogos e caçadores de tesouros

Em países como os Estados Unidos da América os arqueólogos vêem como uma obrigação básica divulgar as suas descobertas em revistas científicas e encontros profissionais, mas também em revistas de grande tiragem, em reportagens televisivas e agora a um público específico que é considerado cada vez mais importante: os alunos do ensino secundário, de onde saía a próxima geração de cientistas. A popularidade da Arqueologia continua a crescer nos EUA e toda agente percebe a importância do estudo do património cultural, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista lúdico, do prazer puro de investigar uma das últimas e mais formidáveis fronteiras do conhecimento: o passado.

Os arqueólogos têm assim cada vez menos problemas com os seus inimigos tradicionais: promotores imobiliários, empreiteiros, políticos e minorias étnicas. Menos eu. Todos os ramos e especializações da Arqueologia têm de competir contra a erosão, as cheias, os deslizamentos de terras, os caçadores de potes, os colecionadores de antiguidades e os patos bravos da arqueologia amadora. Mas um pequeno grupo de arqueólogos, do qual eu infelizmente faço parte, tem de lidar com um flagelo muito pior: os caçadores de tesouros.

Eu estudo os navios do período dos Descobrimientos e tenho que viver sempre com a suspeita, quase sempre imbecil, de o meu sítio arqueológico albergar "um tesouro".

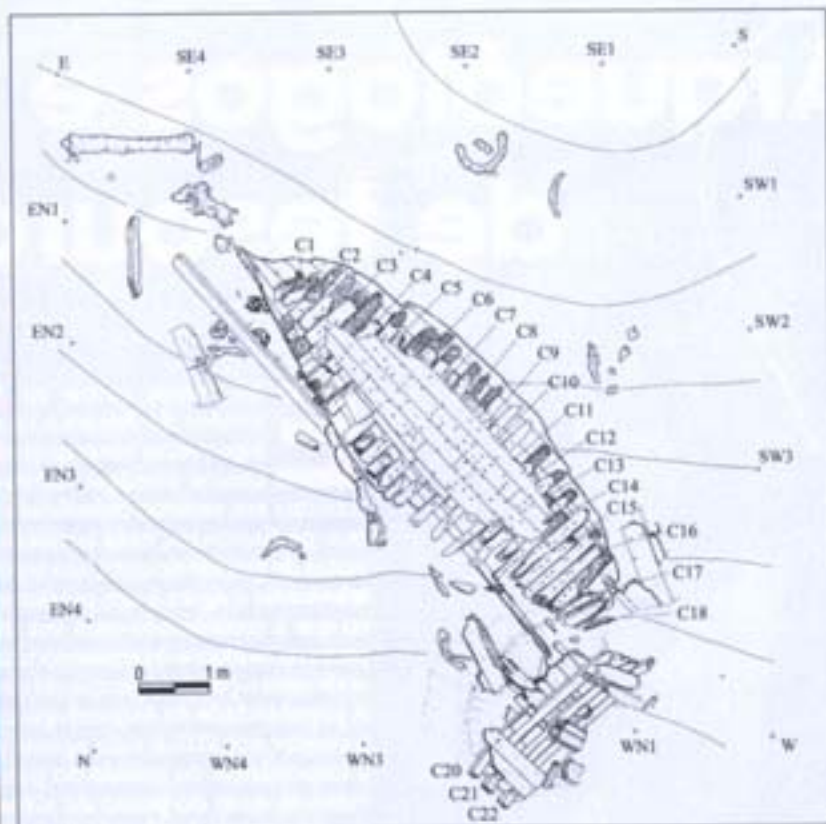
Os arqueólogos que estudam navios romanos, ou gregos, ou vikings, ou os que trabalham em países desenvolvidos, onde a caça aos tesouros é ilegal, têm a vida facilitadíssima e não dão valor às penas que eu e os meus colegas de profissão passamos.

A pilhagem autorizada de sítios arqueológicos por caçadores de tesouros é uma actividade criminosa que ainda sobrevive, quer em alguns países em vias de desenvolvimento, quer em águas interna-

cionais, apesar dos esforços da UNESCO e de um número crescente de políticos, eruditos e cidadãos esclarecidos. Vale a pena portanto dedicar-lhe alguns minutos, quanto mais não seja por curiosidade antropológica.

Quando se começa a pensar neste verdadeiro flagelo as perguntas sucedem-se em turbilhão. Quem são os caçadores de tesouros? Qual é a diferença entre caçadores de tesouros e ladrões de antiguidades? De onde é que eles vêm? O que é que têm em comum? Como é que operam? Quais são as suas crenças e os seus valores? Porque é que uma actividade tão destrutiva não é proibida em todo o mundo? Porque é que os caçadores de tesouros não estão todos na prisão? Porque é que toda a gente concorda em proibir a caça aos tesouros em sítios arqueológicos terrestres e não há consenso sobre a protecção de sítios subaquáticos? É sempre difícil definir grupos de pessoas, e é sempre estúpido fazer generalizações, mas ao fim de 10 anos de convivência atrevo-me a postular aqui que os caçadores de tesouros podem ser divididos sem grande dificuldade em três grupos mais ou menos homogéneos.

O primeiro grupo é constituído por profissionais silenciosos e eficazes, dos quais nunca ouvimos falar senão quando a Christie's ou a Sotheby's publicitam um mega-leilão com porcelanas, lingotes e jóias. Estas situações não são frequentes, até porque a maioria dos achados destes caçadores de tesouros são vendidos discretamente, sem aparato. Estes caçadores de tesouros privilegiam o silêncio e nem sempre trabalham legalmente. Quando os navios pilhados se encontram em águas territoriais, e há perigo de os governos actuarem e apreenderem as colecções antes de elas serem dispersas por venda, é comum destruírem os restos arqueológicos depois de pilhados. Um conhecido caçador de tesouros inglês ficou célebre por ter dinamitado os restos de um navio holandês do século XVIII depois de ter recuperado a sua carga de porcelana chinesa. ▶



Um trabalho arqueológico produz um variado espólio de materiais como por exemplo esta carta arqueológica.

O segundo grupo é o mais abundante e mais visível, e é constituído por pequenas empresas, tipicamente com um barco de pequenas dimensões e duas ou três pessoas, que aos fins de semana destroem restos de navios há muito pilhados, e recuperam artefactos que custam mais dinheiro a conservar do que se conseguiria obter por eles em leilão. Há centenas de empresas destas na Flórida e a sua importância económica é enorme enquanto consumidoras de equipamentos de detecção – sondas e detectores de metais, por exemplo – e de revistas e livros populares sobre o assunto. São estes caçadores de tesouros que periodicamente aparecem nas revistas de mergulho à procura dos navios do Cristóvão Colombo com um vidente, cheios de esperanças de enriquecer

e sempre tristemente longe das rotas do conhecido navegador. O terceiro grupo não é muito mais sofisticado do que o segundo, mas actua a outro nível, e goza do interesse da imprensa e do público menos esclarecido. É este terceiro grupo que alberga as personalidades que eu considero os mais irritantes, talvez porque os tenho encontrado no meu caminho com mais frequência ou talvez porque sou especialmente sensível ao tom "chic" e "non-chalant" com que justificam o roubo puro e simples dos pobres no Terceiro Mundo e a destruição do património da Humanidade. E sou particularmente sensível à hipocrisia dos imbecis que tratam das "relações públicas" destas empresas. Acho que os trabalhos sujos se deveriam fazer

de maneira suja. Não há roubo que não seja violento e as recepções destas empresas, com champagne, aristocratas e políticos dos países pobres, a quem se rouba ao mesmo tempo o passado e o futuro, dão-me a volta ao estômago. Mas adiante.

A diferença entre caçadores de tesouros e ladrões de antiguidades é ténue. Os primeiros actuam geralmente na legalidade e os segundos não. O maior contraste é talvez entre o terceiro grupo dos caçadores de tesouros, que é maioritariamente constituído por "pessoas respeitáveis", financeiros e aristocratas, e os ladrões de antiguidades que aparecem nos jornais, e que são caracteristicamente camponeses esfomeados, do interior da Guatemala ou das costas desérticas do Peru.

Não se sabe muito bem de onde é que esta gente – os caçadores de tesouros "chics" – vêm, de que buraco é que saíram, nem como é que se reproduzem. O certo é que se conhecem em festas, um pouco por esse mundo fora. Geralmente definem-se como pessoas "divertidas" que "gostam de aventuras" e "viagens a

Praia da Salema. O primeiro canhão de bronze retirado do navio "Ocean"



Salema. Primeiro canhão retirado do "Ocean"

sítios exóticos." Nestas "aventuras" há frequentemente uma estrela rock, um arquiduque ou um ditador aposentado. Se se considerarem juntos, é difícil dizer se existe alguma coisa em comum entre as pessoas que compõem os três grupos de caçadores de tesouros. Contudo, se excluirmos os primeiros, que só trabalham com investigadores de arquivos, engenheiros e antiquários extremamente competentes e de confiança absoluta, os outros tem indubitavelmente em comum uma falta de cultura abominável.

Os caçadores de tesouros do segundo e terceiro grupos são ocasionalmente inteligentes, mas sempre rasteiros e incultos, crédulos e brancos. Julgo que é mais correcto aplicar-lhes o termo "espertolinos" do que "inteligentes". O negócio deles não é encontrar galeões com tesouros debaixo de água, mas investidores suficientemente ricos ou suficientemente estúpidos para lhes pagarem as contas.

Neste campo operam todos da mesma maneira. Desenterram dos arquivos uma história de um naufrágio qualquer de um navio com um tesouro, real ou imaginário. Às vezes inventam uma história e metem-lhe elementos plausíveis, dependendo da respeitabilidade dos investidores. O segundo passo consiste em orçamentar os trabalhos e convencer os políticos do local seleccionado das potencialidades extraordinárias dos tesouros afundados. Isto passa-se sempre em países pobres, porque a caça aos tesouros é ilegal em todos os países desenvolvidos.

O terceiro passo consiste em angariar fundos para pagar os "trabalhos". É incrível como a imprensa é sempre a melhor aliada destes projectos. Convoça-se uma conferência de imprensa, apresenta-se os jornalistas mais importantes ao arquiduque ou ao ditador exilado e anuncia-se um ganho na ordem dos biliões. A experiência demonstra que a mesma pessoa pode anunciar a descoberta dum tesouro no fundo mar, angariar três milhões de dólares, gastá-los em casas e carros, ser investigada pela bolsa por fraude, fechar a empresa, abrir uma ao lado, anunciar um segundo tesouro, angariar fundos, ser proibida de lhe tocar pelo governo, anunciar um terceiro tesouro e ser sempre tratada com a mesma credibilidade pelos mesmos jornalistas ano após ano, projecto após projecto. É difícil gene-

ralizar sobre os valores desta gente. Depois de falar com dezenas deles, acho que a maioria tem a cabeça fria e quer enriquecer com o dinheiro dos investidores e estão-se nas tintas para os aborígenes e o património. Os investidores são diferentes: uns não fazem a mínima ideia do que se passa e participam para viajar e confraternizar com aristocratas e estrelas rock, outros julgam que vão enriquecer e os outros acreditam genuinamente que Arqueologia é encontrar artefactos, e que é melhor para os países pobres ficarem com "metade dos artefactos" do que "não os gozar no fundo do mar".

A caça aos tesouros não é proibida em todo o mundo, mas é proibida em todos os países desenvolvidos, e em muitos países em vias de desenvolvimento. Como a circuncisão feminina, só é uma pratica legal em sociedades que ainda não fizeram uma reflexão sobre o assunto.

As pessoas perguntam frequentemente porque é que não há mais caçadores de tesouros na prisão. A resposta é simples: a caça ao tesouro é um crime de colarinho branco, e a justiça não é igual para todos.

A última pergunta diz respeito à incongruência das políticas do património. Mesmo em países pobres e subdesenvolvidos a caça aos tesouros em sítios arqueológicos terrestres é sempre ilegal. Porque é que não haverá então consenso sobre a protecção dos sítios arqueológicos subaquáticos? A resposta é simples: mais de 130 países votaram uma convenção na UNESCO que torna a caça aos tesouros ilegal. Mas historicamente a Arqueologia em meio aquático é uma disciplina científica recente - fundada em 1960 por George Bass - e a caça aos tesouros é uma ramificação da indústria dos salvados, e a sociedade demonstra sempre a perceber a importância do passado em toda a sua extensão.

A importância dos contextos arqueológicos subaquáticos começa enfim a recolher um consenso geral a escala internacional. Afinal de contas, muito antes de haver agricultores ou cidades já havia barcos, e barcos são talvez os artefactos mais complexos que o homem produziu desde, pelo menos, a colonização da Austrália - há mais de quarenta mil anos - e o renascimento. ■

DEEPDIVE



**FORMAÇÃO
EQUIPAMENTO
MERGULHOS**

R. Abade Correia da Serra, 6A
COTOVIA 2970 SESIMBRA PORTUGAL
Tel. / Fax: +351 21 268 1234

e-mail: deepdive@iol.pt